

Futebol e mulheres: performances

Hoje, já não nos impressiona tanto notar como o futebol feminino tem se tornado um espaço de pertencimento e transformação social para muitas praticantes, considerando suas múltiplas dimensões e formas de ocupação. Temos testemunhado a ascensão de jogadoras, treinadoras e árbitras notáveis, evidenciando o crescimento do reconhecimento profissional nesse cenário. Estudos em diversas áreas igualmente têm sido realizados para analisar o desenvolvimento do futebol feminino, desde as categorias de base até a profissionalização. Além disso, é relevante destacar o considerável aumento do número de mulheres que jogam a bola, bem como sua participação cada vez mais ativa e diversificada nas torcidas, mostrando a diversidade e pluralidade desse esporte.

Esta edição da revista **FuLiA/UFMG** é um convite para explorar as diferentes performances femininas no futebol, questionando estereótipos e ampliando nossa compreensão sobre o papel das mulheres nesse universo tão tradicionalmente masculino.

Com o objetivo de expandir as pesquisas sobre o futebol, apresentamos o dossiê **Futebol e mulheres**, cuja iniciativa se deu a partir do Leitorado Guimarães Rosa, vinculado à Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, Moçambique, sob responsabilidade do pesquisador Gustavo Cerqueira, em parceria com os pesquisadores Silvana Goellner, atualmente professora visitante da Universidade Federal de Pelotas/RS, e Jorge Knijnik, que atua na Western Sydney University, na Austrália. Não poderíamos estar mais animados com o resultado da publicação que promoveu o encontro de pesquisadores de

quatro continentes. Essa parceria internacional é um marco importante para a revista, compromissada em explorar novas fronteiras de pesquisa.

Dividido em dois números, esse conjunto conta com 14 artigos de 37 investigadores, sendo 29 mulheres e oito homens. Do ponto de vista da nacionalidade, são 27 do Brasil e dez do exterior, sendo sete da Austrália, um de Fiji, um de Portugal e um da Inglaterra. É interessante também apontar que dos 27 pesquisadores brasileiros, 20 deles estão concentrados no sudeste brasileiro: oito em Minas Gerais, sete em São Paulo, três no Espírito Santo e dois no Rio de Janeiro. Os outros sete estão no sul, todos do Rio Grande do Sul.

O primeiro deles, intitulado **Futebol e mulheres: performances**, contém onze textos distribuídos em cinco seções. A seção **Dossiê** traz sete artigos que, a partir de diferentes recortes temáticos e metodológicos, se propuseram a examinar o futebol de mulheres considerando aspectos que ocorrem, sobretudo, dentro do campo de jogo.

O artigo inaugural, “‘Ela chegou onde ela chegou, eu consigo chegar também’: trajetórias de mulheres treinadoras no futebol brasileiro”, de Karen Guimarães, Júlia Barreira e Larissa Rafaela Galatti, investigadoras da área da Educação Física da Unicamp, analisa as percepções, vivências e trajetórias de mulheres que ocupam cargos de liderança. Fundamentadas em entrevistas realizadas com seis participantes, as autoras discutem as limitações que assim como questões relacionadas a representatividade e apontam para a importância de elaborar suportes e estratégias para desafiar as construções de gênero no esporte e promover a maior participação de treinadoras no futebol brasileiro.

A coorganizadora Silvana Goellner em conjunto com Mariana Brum, Lóry Ribeiro e Luiza Lopez, pesquisadoras do Rio Grande do Sul, apresentam o texto “Mulher, negra e nordestina: Dilma Mendes, a melhor treinadora do

mundo de futebol 7 é nossa!”, que descreve a trajetória de Dilma Mendes, eleita em 2022 como a melhor treinadora do mundo de futebol 7. O texto, fundamentado no aporte teórico-metodológico da história oral e nos estudos de gênero, prioriza a narrativa da própria treinadora, uma mulher que luta cotidianamente contra o racismo e o sexismo.

O artigo “Profissionalize-se como uma garota?: efeitos das políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres nas oportunidades da carreira esportiva no Brasil”, de Mariana Zuaneti, Gabriela Borel e Letícia Carvalho, acadêmicas da área de Educação Física da Universidade Federal do Espírito Santo, discute a relação entre as recentes políticas de desenvolvimento do futebol de mulheres e as oportunidades de profissionalização da carreira de atletas de elite no Brasil. Baseado em entrevistas semiestruturadas com atletas, as pesquisadoras analisam temas como oportunidade de trabalho, remuneração, contratos formais de trabalho, dupla carreira no esporte, condições fundamentais para que possam viver do futebol.

Já, “Pertencimento de mulheres no futebol: estudo de caso do projeto Futebol Feminino Campinas/SP”, de Nathália Servadio e Helena Altmann, pesquisadoras da área de Educação da Unicamp, investiga uma iniciativa voltada para a oferta da prática futebolística para mulheres de distintas gerações. As autoras se utilizaram de observações virtuais, entrevistas e análise de cartas on-line trocadas entre a comunidade do projeto para visibilizá-lo, entendendo que essas estratégias desenvolvidas pelo grupo podem contribuir para a criação de oportunidades e a democratização da prática futebolística no país.

O pesquisador Mark Biram, da University of Bristol, no Reino Unido, focaliza seu texto “Praxis para a transformação social: o caso Meninas em Campo” em um projeto social direcionado para jogadoras entre 9 e 17 anos

sediado em São Paulo. Em suas análises discute a importância da formação de base, sobretudo para meninas que têm poucas chances de participar de espaços oficiais do futebol como clubes e agremiações esportivas.

O artigo “Elas, as boas de bola: futebol no sertão norte-mineiro entre a prática e a resistência”, de Andréia de Freitas, Alex Sander Freitas e Ester Pereira, pesquisadores de Montes Claros, perscruta fontes jornalísticas e as associa com a narrativa de uma ex-atleta para mostrar iniciativas empreendidas na cidade de Montes Claros, Minas Gerais, no tempo em que o futebol de mulheres era oficialmente proibido. Por meio destes registros revelam a existência de dois times, Cassimiro e Ateneu, oficialmente criados por volta de 1973, observados pelos autores como espaços de resistência e transgressão.

Para fechar o dossiê, o artigo “Corpos, identidades e amizades: práticas torcedoras de mulheres transgêneras no futebol de homens”, de Mariana Carolina Mandelli, doutoranda em Antropologia Social pela USP, tematiza a predominância de estereótipos binários e normas cis-heteronormativas dentro do futebol brasileiro, a qual resulta em altos índices de LGBTfobia e misoginia, pois as torcedoras enfrentam desafios ao torcer por seus times. Este artigo pretende discutir as experiências torcedoras de três mulheres transgêneras por meio de seus relatos pessoais, explorando como conceitos de corpo, identidade e amizade moldam e influenciam suas formas de torcer.

Na seção **Resenha**, dedicada à publicação de textos sobre espetáculos esportivos, manifestações populares e livros, exposições, filmes e álbuns que tratam sobre o esporte ou a cultura popular, trazemos, desta vez, por meio de Bernardo Buarque de Hollanda, certa atmosfera da cena torcedora na França, com foco na mobilização dos chamados "supporters" em torno do futebol profissional. Com base em trabalho de campo, o autor traz relatos das torcidas do Paris Saint-Germain e sua performance nas dependências do

Parc des Princes. Ainda junto à “observação participante”, apresenta-se uma tipologia das associações torcedoras, fruto tanto da etnografia quanto da leitura de obras sobre o tema.

Na seção **Tradução & Edição**, o artigo “O futebol feminino nos museus nacionais do futebol do Brasil e da Inglaterra”, de Cristina Mitidieri e Luisa Rocha, pesquisadoras da Unirio/RJ, traduzido do português para o inglês por Mark Biram, mostra a falta de representatividade do futebol feminino nos museus do Brasil e da Inglaterra, devido às diferenças de visibilidade e reconhecimento em relação ao futebol masculino. O artigo identifica marcos temporais e ações realizadas para incluir o futebol feminino nessas instituições. Conclui-se que os museus têm abordado o tema considerando as vitórias e desafios do futebol feminino, equilibrando demandas e compromissos.

A seção **Entrevista** apresenta “A trajetória da guarda-redes e árbitra no futebol moçambicano: Elsa da Graça Mavile”, de Gustavo Cerqueira, Eunice Fernandes e Nimwive Agostinho, da Universidade Eduardo Mondlane, em Moçambique. Na entrevista, constatamos que Elsa, nascida em Maputo em 1982, dedicou-se ao esporte desde a infância, driblando estereótipos e preconceitos ao jogar bola com meninos e a competir em torneios femininos entre 1997 e 2007. Sua dedicação a levaram a ocupar a posição à baliza da seleção nacional em 2002, fazendo história em um mundo dominado pelos homens.

E, para terminar, na seção **Poética**, dedicada às múltiplas possibilidades das abordagens artísticas do futebol e do mundo dos esportes, apresentamos o inédito poema “Professions for women & other feminist sports”, da carioca Tatiana Pequeno, versado do português ao inglês por Jorge Knijnik. Em tempos de afirmação das futebolistas no mundo do trabalho, o título é sabiamente uma alusão à compilação de ensaios da modernista inglesa Virginia

Woolf. Integrado neste dossiê, o poema, tão sensível às meninas da bola, consolida de uma vez por todas o lugar delas também neste jogo. Afinal, a mulher que, agora, corre pelo campo se faz “humana repentista jogadora”, diz um dos versos.

Boa leitura! E expressamos nossos sinceros anseios por mais pesquisas sobre o futebol feminino em todos os cantos do país e do mundo, assim como a proliferação de sua prática.

Porto Alegre, Sydney e Maputo, 02 de agosto de 2023.

Silvana Vilodre Goellner

Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Brasil
Universidade Federal de Pelotas/Brasil

Jorge Dorfman Knijnik

Western Sydney University/Austrália

Gustavo Cerqueira Guimarães

Universidade Eduardo Mondlane/Moçambique